

EM JULHO DE 1958, A NOVACAP CHEGAVA À METADE DO TEMPO QUE TERIA PARA CONSTRUIR A NOVA CAPITAL. O PALÁCIO DA ALVORADA JÁ ESTAVA PRONTO, O HOTEL TAMBÉM, MAS FALTAVA MUITO PARA COMPLETAR AS EDIFICAÇÕES E OS EQUIPAMENTOS URBANOS DE BRASÍLIA



Mário Fontenelle, o mais importante fotógrafo de Brasília, registra a chegada de candangos

DA SECA PARA O CERRADO

» CONCEIÇÃO FREITAS

A construção de Brasília já havia consumido metade do tempo estabelecido para a obra, 22 dos 43 meses decorridos entre outubro de 1956 e abril de 1960. Em julho de 1958, Brasília já acolhia 35 mil habitantes, segundo informa a *Revista Brasília*, edição nº 18. O balanço das obras era o seguinte:

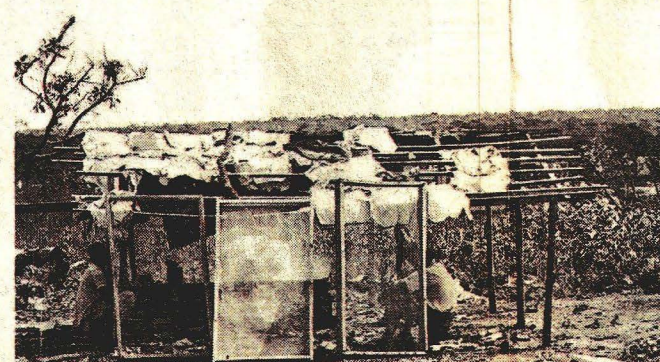
- Aeroporto, Palácio da Alvorada, Brasília Palace Hotel, Igreja, Ermida Dom Bosco e Rodovia Brasília-Anápolis concluídos e inaugurados.
- Eixo Monumental asfaltado.
- Avenida das Nações também asfaltada.
- Congresso Nacional em fase de feitura de fundações.
- Supremo Tribunal Federal também em fase de fundação.
- Ministérios em fase de sondagem do terreno.
- 32 superquadras em diferentes fases de construção: desde as que já estavam com o esqueleto montado às que ainda preparavam os acampamentos.
- Quase prontas as 500 unidades da Fundação da Casa Popular na W3 Sul.
- A Caixa Econômica Federal constrói, na W3 Sul, 222 casas geminadas e 40 lojas.
- Barragem do Lago Paranoá em fase inicial.
- Faltava muito — o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal, a Rodoviária, a Catedral, o Teatro Nacional, os setores Bancário, Comercial e de Diversos, as escolas classe, escolas parque, os cinemas, as entrequadras comerciais, a demarcação e o asfaltamento das vias, obras que ficaram prontas ou foram iniciadas antes de 21 de abril de 1960. (Torre de Tênis, Conjunto Nacional, Conic, Rodoferrviária,

QG do Exército e muitas superquadras e entrequadras foram construídos depois da transferência da capital). Se os problemas iniciais haviam sido vencidos — escassez de material de construção, ausência de vias de acesso, dificuldade para contratação de mão de obra —, um outro surgia, de modo inesperado e desconhecido: a vinda de milhares de brasileiros para a nova capital em busca de emprego. A ponto de Israel Pinheiro, presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), ter mandado interceptar a entrada de novos candangos em Brasília. Em 1958, a Cidade Livre já era um caótico aglomerado urbano com 2,6 mil estabelecimentos comerciais e sete agências bancárias.

Como escreve Bahouth Júnior em *Taguatinga: Pioneiros e Precusores* (página 63): "A rigor tudo começou quando o Núcleo Bandeirante já estava superpovoado, mas, ainda assim, aumentava de forma considerável o fluxo de pessoas que vinham para Brasília. De dia e de noite as invasões proliferavam, sem que fosse possível impedi-las. Chegou-se ao extremo de interceptar caminhões na estrada, obrigando-os a retornarem às cidades de origem. E foi exatamente nas proximidades desse local (no ponto em que hoje existe a ligação entre Taguatinga e o Núcleo Bandeirante) que se formou um núcleo habitacional que em poucos dias abrigava uma população de aproximadamente mil pessoas. Eram na maioria viajantes deixados à beira da estrada pelos motoristas que, impedidos de atingir Brasília, abandonavam seus passageiros entregues à própria sorte". Ou, na versão de Ernesto Silva, em artigo publicado no *Correio Braziliense* em 5 de junho de 2008: "Naqueles tempos, milhares de migrantes,



Ernesto Silva, no destaque, vai ao encontro dos manifestantes



Os barracos eram feitos de restos de material de construção

muitos com suas famílias, se dirigiam ao Planalto Central, em busca de empregos. A cada dia, novas levadas desembarcavam. A construção de acampamentos de madeira não podia mais atender a demanda. Passou, então, esse povo a se alojar em torno dos acampamentos, ao longo da atual Avenida W3 e nas imediações da Cidade Bandeirante (Cidade Livre)".

A migração de nordestinos rumo ao Sudeste havia encontrado um destino alternativo, a nova capital do país, movimento que se intensificou por conta da grave seca de 1958 no Nordeste. O dia D da migração nordestina para o Sudeste foi o 19 de março, dia de São José. Acreditava-se fortemente à época que, se nesse dia não chovesse, era sinal de que a estiagem seria cruel. Estava dada a largada, como anunciou manchete do jornal *Folha da Manhã* (atual *Folha de São Paulo*), em 20 de março: "Perdida a esperança de 'inverno', deverá iniciar-se agora a retirada em massa de populações nordestinas".

Menos de três meses depois, surgia nas proximidades do Núcleo Bandeirante, à margem da BR-060, a Vila Sarah Kubitschek, assim estrategicamente denominada para tentar atenuar "a implacável repressão a que vinham sendo submetidas as ocupações nas proximidades das obras centrais", como escreveu Juscelino Duarte de Brito em *De Plano Piloto a metrópole*, tese de doutorado apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB).

Juscelino registrou os acontecimentos de maio e junho de 1958, em *Por que construí Brasília*: "Foi uma situação dramática. Cerca de 5 mil flagelados, tangidos pela seca do Nordeste, chegaram a Brasília e invadiram a Cidade Livre. Concentraram-se, depois, ao longo da estrada Brasília-Anápolis, à direita de quem se dirigia para a cidade goiana. Moravam da maneira mais precária possível — barracões de madeira velha, de lata, de folhas de zinco, de sacos de cimento. Não havia água no local e eram impressionantes a

promiscuidade e a falta de higiene." Em suas memórias, Juscelino deixou evidências de que teve receio da reação dos flagelados da seca. "O pouco que aqueles flagelados haviam trazido — uns restos de farinha e uns pedaços de rapadura — logo fora consumido. E os cinco mil homens passaram, então, a exigir comida das autoridades da Novacap de forma ameaçadora."

Daf se explica a decisão de Juscelino, um presidente de traço fácil com a gente humilde, de evitar uma aproximação corpo a corpo. Havia sido marcado um jantar, para 28 de maio, na Cidade Livre, com a participação do presidente. Sabendo disso, os invasores planejaram uma manifestação na porta do restaurante para pedir a JK que autorizasse sua permanência na invasão. Informado do que o esperava, Juscelino desmarcou o compromisso e mandou que Ernesto Silva, diretor da Novacap, fosse enfrentar as feras.

Os números não coincidem: JK fala em 5 mil almas; Ernesto Silva, em 3 mil e Bahouth Júnior,

em mil pessoas. "A excitação era enorme", contou Silva. "Ambiente de expectativa e excitação. Subi em um caixote de madeira e dirigi à palavra aos manifestantes. Disse-lhe que a Novacap já providenciava a criação de uma cidade-satélite, a 25 km do Plano Piloto, e que, neste local, cada trabalhador teria seu lote e poderia adquiri-lo por preço acessível, módicas prestações."

Uma semana depois, a 5 de junho de 1958, começava a transferência dos invasores para a primeira cidade-satélite de Brasília, Taguatinga. (A Cidade Livre ainda teria de lutar muito para conseguir se fixar como cidade. Planaltina e Brasília eram povoações já existentes).

Os retirantes da seca de 1958 apressaram um projeto que já estava sendo desenvolvido pela Novacap, o de criação de Taguatinga. Passados 22 meses do início da construção, Israel Pinheiro já havia se convencido de que não havia como barrar a tempestade migratória que desabaria sobre a capital em construção.

TAGUATINGA

A chegada em grandes levadas de novos candangos levou Juscelino e Israel a pensar na criação de uma cidade operária a 25km de Brasília. Os projetos ainda estavam na prancheta quando os moradores da Vila Sarah Kubitschek, uma invasão que se formou à margem da BR-060, em frente ao Núcleo Bandeirante, começaram a pressionar JK a dar-lhes lugar para morar. O projeto teve de ser apressado e Taguatinga nasceu em 5 de junho de 1958.

Em construção
Obra concluída



AEROPORTO

Em maio de 1958, desembarcaram em Brasília 2.799 pessoas e embarcaram 2.574 pessoas no aeroporto comercial. Houve 268 pousos de aeroplanos. Por esse tempo, já operavam em Brasília seis companhias: Vasp, Lóide Aéreo, Cruzeiro do Sul, Real-Aerovias, Paraense e Sadia, as duas últimas em consórcio com a Cruzeiro do Sul.

A Vasp tinha dois voos diários para BH-São Paulo e BH-Rio de Janeiro, e vice-versa. As demais companhias mantinham linhas diretas, diárias ou alternadas para Manaus e Belém, e para Salvador, Belo Horizonte, Rio e São Paulo, com escalas em cidades do interior da Bahia, Minas, Goiás e São Paulo.

OUTROS FEITOS

- » Já foram construídos 47,5 mil metros quadrados de edificações em madeira, correspondendo a 300 unidades. São escritórios, hospital, escola, oficina, depósitos, residências, alojamentos, restaurantes, clube, olaria, serraria, carpintarias etc.
- » Já estão em funcionamento três escolas primárias e duas secundárias. Nas primárias, uma é mantida pela Novacap e duas por particulares. São 805 crianças nas escolas primárias e, nos ginásios, 198 alunos.
- » A cooperativa agropecuária de Goiás inaugurou um matadouro com área construída de 1,8 mil metros quadrados, com 12 seções industriais e com capacidade de abate de 250 bovinos e 150 suínos. A salsicharia tem capacidade para produzir 1,5 mil quilos de embutidos e duas toneladas de sabão, bem como várias toneladas de adubo para agricultura. O matadouro abate 45 reses e 20 suínos por dia.
- » Inaugurada a usina hidrelétrica piloto de Saia Velha, com duas turbinas. A primeira, de 250 hp, e o gerador, de 200 hp, entraram imediatamente em ação para abastecimento dos escritórios, oficinas, serrarias, olaria e residências da Novacap, e do aeroporto. A linha de transmissão tem extensão de 22 km.
- » Já operam em Brasília seis companhias de aviação: Vasp, Lóide Aéreo, Cruzeiro do Sul, Real-Aerovias, Paraense e Sadia, as duas últimas em consórcio com a Cruzeiro do Sul.
- » A Vasp tem dois voos diários para BH-São Paulo e BH-Rio e vice-versa. As demais companhias mantêm linhas diretas, diárias ou alternadas para Manaus e Belém, e para Salvador, Belo Horizonte, Rio e São Paulo, com escalas em cidades do interior da Bahia, Minas, Goiás e São Paulo.
- » Os institutos de previdência estão construindo 109 blocos de seis andares cada um, somando 4.560 apartamentos.
- » Estão em funcionamento 12 olarias, seis pedreiras e várias serrarias.

www.correioabraziliense.com.br



Acompanhe no nosso site mapas, filmes, fotos e textos que contam a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.

LEITURAS

- » As cidades-satélites de Brasília, Adirson Vasconcelos, Edição do Autor, 1988
- » De Plano Piloto a metrópole, a mancha urbana de Brasília, Juscelino Duarte de Brito, 2010, série Brasília Histórica 50 anos, Editora UnB/Sinduscon
- » Diário de Brasília, 1956-1957, Serviço de Documentação da Presidência da República
- » Folha da Manhã, edições de março de 1958
- » O capital da esperança, Gustavo Lins Ribeiro, 2010, série Brasília Histórica 50 anos, Editora UnB
- » Por que construí Brasília, Juscelino Kubitschek, Coleção Brasília, 500 anos, Senado Federal
- » Revista Brasília, números 18 e 19, de junho e julho de 1958, Novacap

» LEIA NA EDIÇÃO DE 5 DE NOVEMBRO DE 2011

Para construir Brasília foi necessário erguer imenso patrimônio em madeira. Veja o que foi construído e o que resistiu a 51 anos de abandono.

ERRAMOS

Ao contrário do que foi publicado na série *Como nasce uma cidade*, edição de 8 de outubro passado, são 11 e não 16 os primeiros ministérios a serem construídos com esquadrias metálicas importadas dos Estados Unidos.

